



Comunicação COVID19
Ponto de situação 10 de julho

Casos Confirmados

45.679 CASOS DE COVID-19

MAIS 402 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,88%

Óbitos

1.646 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 2 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,12%)

NORTE-821

CENTRO-250

LISBOA E VALE DO TEJO-527

ALENTEJO-18

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

30.350 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.626 AGUARDAM RESULTADOS

13.683 CASOS ATIVOS

(Confirmados Menos Recuperados e Óbitos)

471 INTERNADOS (1,03%) / 66 UCI (0,14%)

SEX. 10 julho

Portugal perde quase 600 milhões de euros de receita de IRC para offshores.

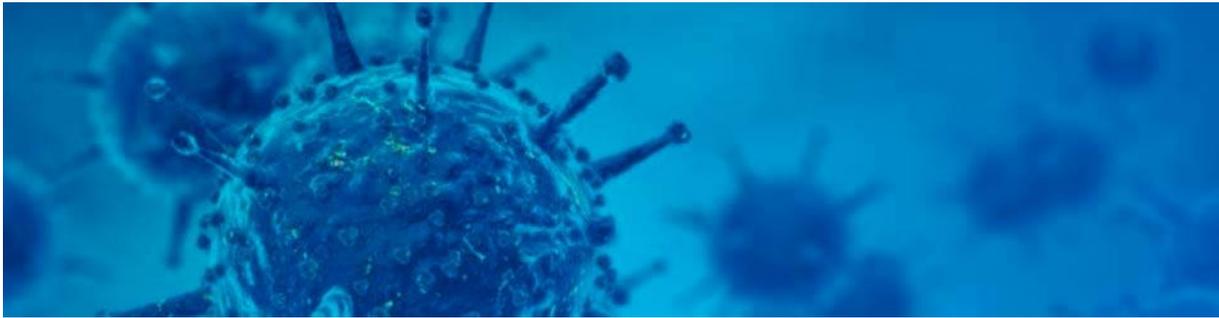
Cláusula 'secreta' abre a porta ao controlo do Novo Banco pelo Estado.

Exportações afundaram 39% em maio. Culpa é da pandemia-INE

Economistas acreditam que BCE vai expandir programa de compra de dívida-Bloomberg.

TC declara inconstitucional lei do direito de preferência dos inquilinos.

Portugal com 5.^a menor taxa de natalidade da UE em 2019 - Eurostat



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição papel) Conselho das Obras Públicas quer apressar ligação Lisboa-Porto. Diminuir o tempo do percurso entre as duas cidades é medida a ser “implementada tão rapidamente quanto possível”, diz um parecer, que pede ao Governo um Plano Ferroviário Nacional. PS e PSD recusam cortar apoio do Estado aos partidos. Paschal Donohoe substitui Mário Centeno no Eurogrupo. PS desistiu de mandar Orçamento para o Constitucional. Como uma pandemia faz (ou desfaz) um estadista. Quem se perdeu mais com a covid? Quem teve uma “boa pandemia”? Análise a 15 líderes, Costa inclusive. Brasil. Jair Bolsonaro veta água potável para índios. Joalheria. Dois tesouros e uma doação vão tornar o Museu de Arte Antiga mais brilhante. Biodiversidade. Descobertas três novas espécies de serpentes em Angola. **Ípsilon.** A incrível história de Lawrence da Arábia **(Online) BPP: João Rendeiro condenado a quase 6 anos de prisão pelo Tribunal da Relação.** Em plena pandemia, a diretora dos Serviços de Informação e Análise da DGS Graça Lima abandonou o cargo, com dias de intervalo em relação à saída de outra figura-chave, a epidemiologista Rita Sá Machado. DGS garante que já encontrou substitutos. Dos “conflitos” à “falta de idoneidade”: os argumentos da ação que quer travar Centeno. Iniciativa Liberal afirma que se Centeno for a governador terá de “ponderar conflitos de interesse”, do Novo Banco à CGD: ou toma decisões e gera a dúvida sobre a sua independência; ou não as toma e a sua ação é ineficaz. Conclusão: tem “falta de idoneidade”. Porque é tão difícil quebrar as cadeias de transmissão na região de Lisboa? Défice de 2020 vai ser revisto para 7%, avança ministro das Finanças. EUA: Supremo determina que Trump não pode esconder declaração de impostos da Justiça. Final a oito da Liga dos Campeões em

Lisboa será à porta fechada. Fisco validou 257 milhões em créditos fiscais a bancos e rejeitou 121 milhões. Mais fiscalização para polícias que escrevam comentários racistas nas redes sociais. Transmissão social explica metade das infeções no Algarve. Estudo apresentado na última reunião do Infarmed mostra que peso do fator social no contágio na região do Algarve vale mais do dobro do observado em Lisboa e Vale do Tejo. Dados reportam ao período entre 23 de junho e 5 de julho.



(Edição Online) Turistas problemáticos. As forças de segurança só podem correr atrás do prejuízo. Quer a GNR quer a PSP só sabem que vão chegar a Portugal grupos de estrangeiros potencialmente problemáticos quando se trata de claques de futebol. Trump e os impostos, uma relação difícil. Diretor da Nova SBE tem exclusividade, mas ganha 143 mil euros no Santander. Novos casos de covid-19 no Norte aumentaram 32% numa semana. Número de casos de mutilação genital em Portugal continuam a aumentar: 63 até maio. Parlamento. Petições em plenário vão exigir mais assinaturas. (Online) Entrada de Centeno força mudanças no Banco de Portugal. Agressões na escola da GNR. Sem castigo, "Red Man" é comandante em Sintra. Ministro das Finanças diz que défice de 2020 vai ser revisto em alta para 7%. Duas saídas da DGS no espaço de poucos dias. Mais mortal do que a covid-19? China alerta para pneumonia desconhecida no Cazaquistão. Pneumonia desconhecida no Cazaquistão terá causado 1772 mortes nos primeiros seis meses do ano, diz embaixada chinesa. Cazaquistão nega alegações chinesas sobre nova pneumonia mais mortal que a covid-19. Na Europa, idade é fator de risco. No Brasil é a morada e a cor da pele.



(Edição papel) Coronel morto em sabotagem. Queda de avião em Sintra. Comandante da Base Aérea morreu em dezembro de 2004. Carta de militar reabre investigação. CM revela lista - Amianto em hospitais e tribunais antigos ameaça saúde. Prostituta aponta nome de juiz. Dragão a um ponto do título. Águia adia festa do rival. Recuperação económica. Consultor de Costa quer TGV Lisboa-Porto. SEXTA O fantasma da depressão.



(Edição em papel) Câmaras já ajudam a pagar rendas a milhares de famílias. Número de pedidos cresceu com a evolução da pandemia.

Apoio monetário das autarquias varia entre 60 e 500 euros. Projeto Porto Solidário chega agora a 763 agregados. Cheira a título. Águia capitula. Holanda é o principal paraíso fiscal dos ricos portugueses. Homicídio - Fátima premeditou a morte do filho autista. Eurogrupo. Irlandês causa surpresa e derrota a favorita espanhola. Reportagem. Jovens com a vida suspensa em nova crise económica. **EVASÕES.** Bebidas frescas de verão.



(Edição em papel) Entrevista a José Gomes Ferreira: "O diabo já chegou sob a forma da pandemia". "O maior embate ainda está para vir. E nem será por causa desta pandemia". "Se houver uma crise, as pessoas podem ser proibidas de levantar dinheiro no multibanco e nos balcões".

Festas-Covid chegam à Europa. Começaram nos EUA e na Alemanha também já são uma realidade. Em Portugal já se fala no fenómeno. Jovens sabem que na festa há alguém contaminado e joga-se a quem será o próximo. "Estamos a falar de gente para quem a morte é uma abstração", diz ao i Júlio Machado Vaz. PS. Medina e Pedro Nuno Santos terão de esperar pela sucessão. Recheio alvo de buscas por suspeitas de fuga ao fisco. Eurogrupo. Irlandês Paschal Donohoe é o novo presidente. Índia vai testar vacina covid em humanos em agosto.



(Edição em papel) ADSE propõe aumento do preço das consultas.

Ministério Público admite pedir que Mexia não possa gerir cotadas. Procuradores queriam CMVM a aferir idoneidade dos gestores. As ligações que levaram às suspeitas. Banco de Portugal teme "paradoxo" da poupança. Luís Máximo dos Santos diz que "o consumo tenderá a ser refreado e o motivo precaução já está a sentir-se no aumento dos depósitos". Socialistas adiam "direito a desligar" no auge do teletrabalho. **Weekend** Entrevista a Maria José Nuncio. Desconfinamento trouxe uma espécie de desapontamento. O PIB "esqueceu-se" da felicidade. **(Online) Costa diz que é cedo para "aligeirar medidas" na região de Lisboa.** Economistas acreditam que BCE vai expandir programa de compra de dívida. Irlandês Donohoe sucede a Centeno no Eurogrupo. Tesla "muito perto" de carros totalmente autónomos,

diz Musk. Preços das casas em Lisboa chegam a ser cinco vezes acima do país. “Vamos falar de porco”. Campanha desfaz mitos sobre carne portuguesa.



(Online) Da alta velocidade entre Lisboa e Porto ao cluster do hidrogénio. Dez propostas do plano de Costa Silva. Costa Silva quer expansão dos metros de Lisboa e Porto. E aposta na ferrovia e portos. Regular hidrogénio verde pode estimular empresas a exportar, diz Costa Silva. Portugal deve ter um fundo soberano para acelerar a retoma. Plano de retoma defende aposta no 5G e na fibra ótica para combater desigualdades. Portugal pode transformar-se na “fábrica da Europa” da Saúde Costa Silva quer mais Estado na economia. E vai buscar o filósofo Karl Polanyi. “Ultra Simplex” prevê que procedimentos administrativos possam ser decididos por videoconferência. Costa Pinto: “A única coisa que desejo a Centeno é coragem. Coragem para atuar em situações complexas e correr riscos”. O ex-presidente do conselho de auditoria do Banco de Portugal diz que foram cometidos "erros muito graves" nos mandatos de Carlos Costa, mas faz uma "avaliação mista". Centeno? "Muitas expectativas.". Elisa Ferreira diz que previsões económicas reforçam urgência de acordo na EU. Exportações afundaram 39% em maio. Culpa é da pandemia.



(Edição em papel) Cláusula 'secreta' abre a porta ao controlo do Novo Banco pelo Estado. O Estado pode vir a ficar dono do Novo Banco, se tiver de utilizar uma almofada de capital “backstop” que está prevista no acordo com Bruxelas que permitiu a venda da instituição ao Lone Star. Cenário só se coloca caso se esgote a garantia pública de 3.890. Marcelo continua com reeleição garantida à primeira volta-Sondagem Aximage/JE. Angola perde arresto da Efacec e pode ter de pagar aos bancos. Aviação. David Pedrosa na calha para suceder a Antonoaldo Neves à frente da TAP. Fundos de investimento “Portugueses estão a começar a ficar menos conservadores na exposição ao risco”. Conferência JE/Huawei. Tecnologia, capital e know-how para o país não ficar para trás na nova ordem global. **(Online) PS viabiliza diploma do PSD para alterar lei de financiamento dos partidos. PS anunciou que vai viabilizar na generalidade o diploma do PSD que pretende acabar com a responsabilização pelos partidos de despesas de campanha realizadas sem**

autorização a nível central. Dados do BdP revelam ligeira quebra na capacidade de financiamento da economia. Redução de mais de 30 balcões do Montepio “ainda em estudo”, diz sindicato. Leilão do 5G arranca em outubro e termina em dezembro. Nova rede móvel só em 2021.



(Online) Portugal perde quase 600 milhões de IRC para offshores Os Países Baixos são o principal destino para as multinacionais a operarem em Portugal reportarem os lucros conseguindo uma taxa mais baixa. Preço das casas em Lisboa cresceu mais de 55% desde

2017. Irlandês Donohoe surpreende Calviño e sucede a Centeno. Défice de 2020 vai ser revisto para 7%. Apoio a empresas saudáveis disponível ainda este ano. Ex-ministro Campos e Cunha na calha para liderar mutualista Montepio. UE. Governo assegura que fundos vão chegar atempadamente. "Carvão não tem lugar na recuperação pós-pandemia", António Guterres.

OBSERVADOR

(Online) Surto. Bares da Guarda "nunca fecharam". Alunos dizem que fizeram festa de anos legal e acusam o Politécnico de divulgar a sua identificação. Apesar das medidas de restrição, os bares da

cidade “nunca fecharam”, garante autarca da Guarda. PS dividido faz lista de dissidentes nas touradas. Rui Rio vai ter programa estratégico para década. Da mesma forma que António Costa apresentou uma "Agenda para Década" quando era líder da oposição, em 2014, Rui Rio vai ter um "programa estratégico" com um plano para o país até 2030. Prostituição. Juiz denunciado na AR será de Mafra. Final da Champions em Lisboa à porta fechada. Diretora dos serviços de informação abandona DGS. Migrações bandeira da presidência portuguesa da EU. Inquilinos. Direito a preferência inconstitucional. Rui Manuel Carlos Clero é o novo comandante-geral da GNR. Parlamento chumba projetos para o fim do financiamento público das touradas



(Online) Alta velocidade entre Porto e Lisboa, novo aeroporto e mais 12 investimentos que o país deve fazer: os grandes planos de António Costa Silva. António Costa Silva propõe um pacto entre Estado e empresas para tirar o país do “coma”. Consultor pede ao governo que

considere a possibilidade de aliviar a carga fiscal das pequenas e médias empresas que empregam mais de 75% das pessoas em Portugal. “Não vamos ter ilusões”: **António Costa Silva está duas vezes mais pessimista do que o Governo.** Covid-19. Quer viajar na UE? Eis os 8 países que proíbem a entrada de portugueses, os 6 que permitem, mas com restrições e os 11 onde é livre. Francisco Louçã demite-se e está indisponível para voltar ao conselho consultivo do Banco de Portugal. A gastronomia portuguesa como arma de política externa? Claro que sim, diz António Costa. Procurador de Nova Iorque pode ter acesso à história fiscal de Trump mas o Congresso não, para já. Sem reuniões no Infarmed, Bloco quer dados da pandemia entregues ao Parlamento. Consórcio da EDP Renováveis instala primeira estrutura do maior parque eólico offshore da Escócia.



(Online) OMS avança com inquérito e diretor-geral faz apelo. “Todos devemos olhar-nos ao espelho”, disse Tedros. Ministro da Ciência e Tecnologia prevê que redução de alunos em Erasmus acontece em níveis "particularmente drásticos". Suspeitas de fuga ao fisco. Grupo Jerónimo Martins alvo de buscas. Bruxelas investe 7,5 milhões de euros em campanha para incentivar jovens a consumir carne de porco.



(Online) Costa em Loures (medidas só na 2.ª feira); Há novos recordes. Previsões económicas? Costa Silva está mais pessimista do que o Governo. Parlamento debate projetos de lei para alterar financiamento dos partidos. Associação critica "estratégia errada" em relação às insolvências. Presidente a fazer de porta-voz do Governo? "Cada macaco no seu galho". Margarida Salema critica projeto do PSD sobre financiamento eleitoral. Nova Iorque pinta 'Black Lives Matter' em frente à Trump Tower.

SÁBADO

(Online) De “batata podre” a indicado para o Conselho Superior de Informações pelo PSD. Carlos Eduardo Reis, suspeito na operação Tutti Frutti, figura como suplente na lista indicada pelo PSD ao Conselho Superior de Informações. Inês de Medeiros também contratou escritório do filho de Jaime Gama. MP acusa mulher de mutilação genital feminina da filha de dois

anos na Amadora. TC declara inconstitucional lei do direito de preferência dos inquilinos.

VISÃO

(Online) Grande Prémio de Fórmula 1 regressa a Portugal este ano. Anúncio é feito hoje. Como fazer limpeza de segurança e privacidade no Google e Facebook? Notre-Dame: Macron muda de ideias e catedral vai ser reconstruída de forma idêntica. “É preciso baixar o IVA na construção para a habitação destinada à classe média”. Encontrados, pela primeira vez, microplásticos em frutas e vegetais.



(Online) Tribunal Constitucional considerou inconstitucional a Lei do Direito de Preferência aos Inquilinos. ADSE quer aumentar o preço das consultas. David Pedrosa apontado à TAP. COVID-19 nos lares - Manuel Carrageta. O presidente da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia critica a forma como foi gerida a chegada anunciada da pandemia de COVID-19 aos lares de idosos. Manuel Carrageta diz que a estratégia de combate ao COVID-19 foi errada desde o início e que toda a gente sabia que os lares são incubadoras de infeções. Plano para reformar e recuperar a economia portuguesa. Tem mais de 100 páginas, preocupa-se muito com a mobilidade, com a energia e também com o tecido empresarial português. O Governo tomou ontem conhecimento da proposta do gestor António Costa Silva no plano para reformar e recuperar a economia portuguesa. O documento já está nas mãos do primeiro-ministro. Eleições na Federação Portuguesa de Futebol. A Federação Portuguesa de Futebol vai hoje a votos, mas só há uma lista candidata liderada por Fernando Gomes, que assim se propõe mais a um mandato de 4 anos. 4 anos sobre o título europeu alcançado em França.



(Online) Revisão do défice. O Governo está mais pessimista quanto às projeções para a economia portuguesa e vai rever o défice deste ano para 7%. A projeção anterior era de 6,3. O Ministro das Finanças explica que as alterações nos pagamentos por conta fizeram reduzir a receita. "Lay-off" para o turismo. O Governo está, entretanto, a estudar um regime de "lay-off" específico para o setor do turismo. António Costa e o ministro da

Economia estiveram reunidos ontem por videoconferência com a Confederação do turismo. No final, Francisco Calheiros disse que a medida faz sentido num sector que está a ser fortemente afetado pela pandemia. António Costa desloca-se ao concelho de Loures. Estado pode ficar dono do Novo Banco. Tribunal Constitucional considerou inconstitucional a Lei do Direito de Preferência aos Inquilinos. ADSE quer aumentar o preço das consultas.

ANTENA 1 **Plano de recuperação económica de Portugal desenhado por António Costa Silva. Define uma lista de prioridades para o país. Os investimentos vão desde a aposta na ferrovia com um projeto de alta velocidade entre Lisboa e Porto, até à construção de um novo aeroporto para servir a área metropolitana da capital.** Direito de preferência na transmissão habitacional. Foi declarada inconstitucional a lei que garante o exercício do direito de preferência pelos arrendatários na transmissão das habitações. A lei entrou em vigor há dois anos numa altura de especulação imobiliária. Dava aos inquilinos a possibilidade de comprar um apartamento, mesmo que o prédio estivesse a ser vendido em bloco. Na altura, PSD e CDS avançaram com um pedido de fiscalização sucessiva. Agora o Tribunal Constitucional chumba esta lei. Está a engordar o défice Orçamental português. Tolerância zero a comentários racistas dos polícias na internet. CTP: Crise no setor turístico. Eleição do novo presidente do CES. Para tentar quebrar o enguiço, o socialista Francisco Assis vai hoje a votos para a presidência do Conselho Económico e Social (CES). A decisão está nas mãos do Parlamento depois de duas tentativas falhadas para a reeleição de Correia de Campos. Os deputados vão também escolher personalidades para outros órgãos relevantes como o Tribunal Constitucional ou o Conselho Superior de Magistratura. Mas as grandes expectativas prendem-se com a votação a envolver o nome de Assis que tem sido elogiado por PS e PSD.



A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Pelo menos 555 mil mortos e mais de 12,2 milhões de infetados no **MUNDO**.
- **ESPAÑA** regista cinco mortes e 241 novos casos nas últimas 24 horas.
- **FRANÇA** Confirmados- 170 094 Recuperados- 78 170 Mortes-29 979
- **ITÁLIA** regista aumento de novos casos e 12 mortos nas últimas 24 horas.
- **ALEMANHA** com mais seis mortes e 395 casos.
- **REINO UNIDO** regista 85 mortes, menos do que na véspera.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** registam 61.790 casos em 24 horas, um novo recorde diário, e 1.011 vítimas mortais. Total: 133.106 óbitos e 3.108.141 casos confirmados.
- **BRASIL** regista 1.220 mortes e 42.619 casos nas últimas 24 horas.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 12.443 em mais de 541 mil casos.
- Com 174 mortes nas últimas 24 horas, a **RÚSSIA** ultrapassou esta sexta-feira as 11 mil vítimas mortais: são 11.017 desde o início da pandemia.
- **MÉXICO** identificou 7.280 casos da covid-19 nas últimas 24 horas, atingindo um novo recorde de casos diários, e registou 730 mortes.
- **ÍNDIA** registou 26.506 infeções de covid-19 nas últimas 24 horas, um novo máximo diário de casos.
- **CHINA** regista quatro novos casos, todos oriundos do exterior.
- Novo recorde de contágios em **ISRAEL** com 1.464 casos em 24 horas.
- Países africanos devem preparar-se para aceleração da pandemia - **Instituto Tony Blair**.



FRASES DO DIA

- **"Este défice -7%- traduz bem a crise brutal que já começámos a viver e que vamos viver"**, Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **"É prematuro estar a aligeirar medidas"**, António Costa, Primeiro Ministro.
- **"É preciso muito bom senso e haver diálogo sério das instituições europeias que tem corrido melhor na capacidade de resposta ao problema económico do que às questões das fronteiras"**, António Costa, Primeiro Ministro.
- **"O carvão não tem lugar nos planos de recuperação económica pós-covid-19"**, António Guterres, Secretário-geral da ONU
- **"Gostaria hoje de apelar a todos os líderes para que escolham o caminho das energias limpas, por três razões vitais: saúde, ciência e economia"**, António Guterres, Secretário-geral da ONU
- **"Não vamos ter ilusões: a crise sanitária causada pela doença COVID-19 traz consigo uma profunda recessão económica que tem características globais e que vai ferir profundamente a nossa economia"**, António Costa Silva, Consultor do Governo.
- **"Como é recorrente ao longo da nossa história, quando os madeirenses e porto santenses esperavam solidariedade dos órgãos centrais do Estado, receberam destes apenas desdém, arrogância e indiferença"**, Miguel Albuquerque, Presidente do Governo Regional da Madeira.
- **"A única coisa que desejo a Centeno é coragem. Coragem para atuar em situações complexas e correr riscos"**, João Costa Pinto, ex-presidente do conselho de auditoria do Banco de Portugal.
- **"De facto, não cabe constitucionalmente ao PR envolver-se na política ou na ação governativa, nem muito menos funcionar como porta-voz governamental"**, Vital Moreira, Constitucionalista.

- “[Portugal] não foi escolhido pela qualidade das infra-estruturas ou pela tradição futebolística, mas por tudo o que rodeia o campo de futebol, que goza de elevada consideração internacional. Se acrescentarmos o sistema público, a consciência do protocolo, as medidas de verificação e mitigação – tudo isso fundamentou a decisão de considerar que a escolha de Portugal era a que mais minimizava os riscos”, Maurizio Barbeschi, conselheiro do director executivo para as Emergências Sanitárias da OMS.
- “A economia dos EUA está a debater-se com um choque económico e de saúde que ameaça atrasar os ganhos económicos significativos da última década e deixar cicatrizes permanentes”, Angel Gurría, Secretário-Geral da OCDE.



ARTIGOS SELECIONADOS

Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças

Avaliação de risco no COVID-19, 11 de junho de 2020

As tendências decrescentes na incidência de doenças são observadas e sustentadas em quase todos os Estados-Membros, mas vários ainda estão a registar uma transmissão contínua da comunidade:

- A 10 de junho, 29 países da UE / EEE e o Reino Unido tiveram uma incidência decrescente nos últimos 14 dias, mas em dois países (Polónia e Suécia) a incidência nesse período estava no nível mais alto já observado.
- Vinte e oito países relatam uma incidência nos últimos 14 dias abaixo de 20 casos por 100.000 habitantes. Em dois países (Portugal e Reino Unido), a atual incidência de 14 dias permanece numa taxa entre 20 e 100 casos por 100.000 habitantes. Num país (Suécia), a atual incidência nos últimos 14 dias está acima de 100 casos por 100.000 habitantes.
- Permanece a incerteza quanto à extensão da circulação viral, pois há informações limitadas disponíveis sobre a proporção de transmissão na comunidade que ocorre fora das cadeias de transmissão conhecidas e / ou devido à importação entre países.

Fonte: **SITE DO CENTRO EUROPEU DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE DOENÇAS.**

Da alta velocidade entre Lisboa e Porto ao cluster do hidrogénio. Dez propostas do plano de Costa Silva

António Costa Silva já entregou ao Governo a primeira proposta de plano de recuperação da economia para os próximos dez anos. São 119 páginas e dezenas de propostas. Mas não há contas.

António Costa Silva foi contratado pelo Governo, em regime 'pro bono', para coordenar a estratégia de retoma da economia pós-Covid e esta quinta-feira, depois de dezenas de reuniões, apresentou aos ministros a primeira proposta com uma "Visão estratégica para o plano de recuperação económica e social de Portugal 2020-2030". O plano, a que o ECO teve acesso, tem 119 páginas, planos de investimento setorial e dezenas de medidas, umas mais concretas, outras mais genéricas, e muitos gráficos, mas poucos números. Uma das propostas é a construção de "um eixo ferroviário de alta velocidade Porto-Lisboa para passageiros, começando com o troço Porto-Soure (onde existem mais constrangimentos de circulação)".

O gestor foi convidado em abril e formalmente nomeado por resolução do conselho de ministros no dia 3 de junho. Depois de reunir com os ministros, Costa Silva terminou o

plano no dia 5 de julho e esta quinta-feira apresentou-o. E o investimento em infraestruturas é um dos pontos centrais no plano de recuperação da economia. “O Plano de Recuperação Económica é essencial para o país terminar a construção de algumas infraestruturas que são indispensáveis para ter sucesso no século XXI, um século que vai ser marcado pelo paradigma da conectividade“. Particularmente na ferrovia, mas não só. O investimento no hidrogénio, a expansão e reforço das redes de Metropolitano de Lisboa e do Metro Ligeiro do Porto, o aeroporto para a Área Metropolitana de Lisboa e o alargamento da competitividade do porto de Sines e de outros portos nacionais.

Além da ligação de alta velocidade para passageiros entre Lisboa e Porto – o gestor salienta que esta ligação “potenciará a afirmação das duas áreas metropolitanas do país e o seu funcionamento em rede” e “trará grandes ganhos ambientais por dispensar as ligações aéreas” –, a seguir será necessária “uma posterior ligação a Espanha pode favorecer todo o litoral português e facilitar o equilíbrio financeiro da exploração. A ligação Porto-Vigo, bem como outras “amarrações ibéricas”, devem ser equacionadas no médio prazo”, lê-se naquele documento.

Costa Silva ocupa as primeiras 58 páginas com uma radiografia do contexto internacional e nacional decorrente da pandemia da Covid-19, e deixa avisos ao que se passa na economia portuguesa. “A partir de setembro de 2020, a situação de muitas empresas pode deteriorar-se significativamente e é fundamental existir no terreno um programa agressivo para evitar o colapso de empresas rentáveis, que são essenciais para o futuro da economia portuguesa. O espaço temporal que vai mediar entre a significativa deterioração da economia no segundo semestre de 2020 e a chegada da ajuda europeia em 2021, pode ser fatal para muitas empresas se não existirem respostas adequadas”, avisa. O financiamento deste programa, como se percebe, depende em larga medida dos fundos europeus que estão a ser negociados pelos chefes de Estado e Governo da união. Números e contas sobre os custos destes investimentos é que não há. Pelo menos ainda nesta proposta de plano.

“Não vamos ter ilusões: Se este papel do Estado não for assumido, teremos uma recessão muito mais prolongada, uma economia cada vez mais “zombie” e em estado de coma, um exército crescente de desempregados e crescente instabilidade social”,

escreve o gestor. Mas também sublinha que “quando a economia portuguesa for mais saudável e as empresas estiverem capitalizadas, é importante o Estado ter uma estratégia de retirada, porque o seu papel não deve ser o de substituir-se às empresas, mas, pelo contrário, criar condições para elas poderem operar, crescer e competir”.

Setor a setor, ministro a ministro, o gestor da Partex convidado por António Costa para coordenar o plano de recuperação da economia faz a pergunta: “Na sequência de tudo o que antes foi referido vamos identificar alguns projetos concretos em cada setor essencial da atividade económica respondendo à questão: O que fazer no day after?”

FERROVIA

Concretizar o Plano Ferroviário do país, concluindo os projetos em curso e modernizar a rede, porque uma rede ferroviária elétrica nacional é mais competitiva, mais limpa e está em sintonia com os esforços de descarbonização da economia. Destacam-se dois projetos em curso; a construção do eixo Sines-Madrid e a renovação da Linha da Beira Alta. Estes dois eixos são fundamentais para o tráfego de mercadorias para Espanha (alargando o Hinterland portuário ao mercado ibérico) e aumentando a quota de transporte internacional de mercadorias para o centro da Europa.

Reindustrialização

Apesar das tecnologias de produção do hidrogénio ainda não terem atingido a maturidade comercial e enfrentarem um desafio para a redução dos custos de produção, a importância do hidrogénio para o futuro mix energético deve ser reconhecida. Pretende-se assim promover uma nova fileira industrial com potencial exportador e gerador de riqueza, em torno do hidrogénio verde, para o que se desenvolveu uma Estratégia para o Hidrogénio visando orientar, coordenar e mobilizar o investimento público e privado em projetos nas áreas da produção, do armazenamento, do transporte e do consumo e utilização de gases renováveis em Portugal. Este plano deve visar em particular o lítio, o nióbio, o tântalo e as terras raras, devendo propiciar um estímulo às empresas para desenvolverem estes recursos, e encontrarem, em particular para o lítio, um processo de tratamento que possa aumentar a sua competitividade e gerar valor, associada com o desenvolvimento de fileira industrial nacional de valorização do recurso, aplicando os princípios de Green Mining. O Plano de Recuperação Económica deve ajudar as empresas e produtos portugueses

multiplicando as iniciativas para promover a “Marca Portugal”, criando um selo de certificação do esforço verde da indústria nacional e da aposta em energias renováveis. Esse selo deve ser emblemático e associado aos produtos nacionais com uma imagem de marca: “Estes produtos portugueses foram produzidos no país que tem 57% da eletricidade gerada por fontes renováveis”.

RECONVERSÃO INDUSTRIAL

Portugal, enquanto país produtor de veículos e de componentes, deve conseguir dar o salto para o fabrico dos veículos do futuro. A indústria automóvel tem no país um papel relevante, destacando-se, como maior exportador nacional, a Autoeuropa e toda a galáxia de indústrias e empresas que estão associadas à indústria automóvel, em termos de componentes e fornecedores de outros equipamentos e serviços. É crucial pensar de forma integrada todas as políticas públicas nesta área para a transição se efetuar de forma gradual, evitando a criação de milhares de desempregados e a falência de setores críticos, pois isso pode voltar a população contra as políticas seguidas e marcar um retrocesso assinalável. A indústria de bens e equipamentos é muito relevante na economia portuguesa e tem um potencial enorme para crescer, articulado com a necessidade de o país ter também uma estratégia de substituição de importações e conseguir produzir algumas matérias-primas e componentes. Um Programa de investimento na produção de bens de equipamento e desenvolvimento de processos, que possa atrair o interesse de consórcios de investigação em desenvolvimento industrial e de tecnologias de processo, de produção aditiva, visando fortalecer a produção nacional e criar um cluster nesta área que pode potenciar as capacidades do país e aumentar a competitividade das suas exportações, em especial para os mercados globais.

RECAPITALIZAÇÃO DAS EMPRESAS

Criação de um fundo, de base pública, de capital e quase capital, aberto a fundos privados, para operações preferencialmente em coinvestimento, dirigido a empresas com orientação exportadora e potencialidades de exploração de escala.

BANCA

É preciso continuar o processo de reestruturação do sistema bancário português, [por isso] é importante resolver a questão das ‘tax losses carry forward’, com o número de

anos em que os bancos podem utilizar os prejuízos fiscais, que é em Portugal muito diferente dos países europeus, o que se traduz num forte impacto na rentabilidade e capital dos bancos nacionais. Isto é: Portugal deve lutar no espaço europeu para assegurar condições concorrenciais iguais (level playing field) aos outros países, sem o que a banca nacional é fortemente condicionada.

ESTADO

Para a implementação do Plano de Recuperação Económica é importante admitir que se a Administração Pública mantiver o seu registo de 'business as usual' dificilmente dará resposta aos problemas que vamos enfrentar. É importante o Estado ter mecanismos e instrumentos para acelerar as decisões estratégicas e coordenar com eficácia a execução do Plano de Recuperação. Como o papel das empresas vai ser essencial, o Estado deve ter um interlocutor único, uma espécie de "Loja do Cidadão" para as empresas, e evitar a dispersão e multiplicidade de organismos envolvidos.

TURISMO

O país deve promover um grande plano para captar a atenção dos mercados mais importantes com base nas valências que Portugal apresenta em termos da sua diversidade geográfica e paisagística. A oferta deve ser diversificada, explorando as diferentes partes do território e é importante apostar na qualidade e ter como indicadores não só o número de visitantes, mas também a rentabilidade por turista. O setor do turismo é importante, e tudo o que possa aumentar a sua resiliência deve ser explorado. Portugal pode combinar o turismo convencional com o turismo da natureza, o turismo da saúde, o turismo cultural, o turismo oceânico, e construir uma oferta competitiva.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Um projeto de investimento centrado no papel da floresta na prestação de serviços de ecossistemas, prevendo mecanismos de remuneração desses serviços, em áreas de grande suscetibilidade a incêndios e à desertificação e de elevado valor ambiental, reconhecendo e valorizando os usos do solo que contribuem para múltiplos objetivos ambientais, designadamente a preservação da biodiversidade, a conservação do solo, o sequestro de carbono e a gestão dos recursos hídricos.

SAÚDE

A conclusão da rede do SNS com o novo Hospital de Lisboa Oriental, o novo Hospital do Seixal, o novo Hospital de Évora, o novo Hospital do Algarve, a requalificação do parque e da tecnologia hospitalar e a ampliação da Rede Nacional de Cuidados Continuados para a dimensão já prevista, é essencial para o futuro.

SOCIAL

Deverão ser lançadas, em articulação com as autarquias, medidas de estímulo à requalificação e reabilitação de habitações devolutas para serem atribuídas a famílias e pessoas carenciadas. Paralelamente, deve ser promovido um programa de gestão do património imobiliário do estado, para identificação dos imóveis passíveis de serem reabilitados e orientados para o arrendamento social. Simultaneamente, é crucial reforçar os programas de arrendamento a preços acessíveis para a classe média, em particular para os jovens, tendo em conta a necessidade de estabilizar as suas condições de vida e de inserção no desenvolvimento económico e social do país.

Fonte: **ECO**

Grande universidade do Atlântico, nos Açores. António Costa Silva diz onde está a "oportunidade de ouro"

Estratégia do consultor do governo para atrair investimento estrangeiro passa pelo aproveitamento dos recursos estratégicos existentes em torno deste arquipélago

No documento Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica e Social de Portugal 2020-2030 que António Costa Silva submeteu ao governo, é do arquipélago dos Açores que vem uma “oportunidade de ouro” para o país sair da crise, através da atração de investimento externo e da criação de consórcios internacionais para a exploração de recursos estratégicos.

Entre os potenciais interessados em investir com Portugal, estarão a Alemanha, a França, os EUA, o Canadá, o Japão e a Índia, diz o consultor do governo.

“O mar, e em particular a Zona Económica Exclusiva (ZEE), com a extensão da plataforma continental, oferece a Portugal uma oportunidade de ouro porque no

arquipélago dos Açores existem a norte, nos fundos marinhos, crostas de níquel, cobalto e manganês (as crostas são as de mais fácil extração). O arquipélago tem a sul uma das maiores manchas de sulfuretos polimetálicos do mundo e estes têm galena (donde se extrai chumbo), calcopirite (donde se extrai cobre) e esfalerite (donde se extrai zinco)". O consultor acrescenta que o arquipélago dos Açores "é atravessado pela Fratura Dorsal Atlântica que permitiu a criação de uma série de campos hidrotermais onde existem ocorrências de ouro, cobre, prata, zinco e chumbo. Além disso, estes campos hidrotermais têm associados recursos biológicos únicos que vivem nas profundezas do oceano a partir de uma espécie de quimiossíntese porque a energia de que precisam resulta da síntese química dos sulfuretos de hidrogénio, que são letais para outras espécies. É um mistério biológico que interessa também às ciências da saúde e à indústria farmacêutica".

Em resumo: "o país tem recursos que com uma visão a médio e longo prazo podem transformar-se em fontes de criação de riqueza e valor, ao mesmo tempo que com as novas tecnologias se deve assegurar um desenvolvimento sustentável destes projetos, no respeito escrupuloso pela preservação dos ecossistemas", lê-se no documento submetido ao governo.

O consultor chama a atenção para o facto de alguns destes recursos serem de minerais estratégicos que interessam quer às indústrias tradicionais quer às novas indústrias. "Não podemos ter uma civilização tecnológica avançada sem recursos minerais estratégicos, que são vitais para a indústria eletrónica de alta precisão, os computadores, telemóveis, todo o tipo de gadgets eletrónicos, e depois também as baterias e os materiais para a transição energética. Neste contexto o país deve desenvolver um projeto e uma visão para atrair investimento externo e construir consórcios internacionais para aproveitar estes recursos".

"Os países que estão interessados podem ser a Alemanha (que já concorreu no Pacífico à exploração de uma zona com sulfuretos polimetálicos), a França, os EUA e Canadá, para além do Japão e da Índia", identifica António Costa e Silva.

Mas é essencial nesta visão construir um modelo de participação que retire ilações do que a Noruega fez para o desenvolvimento da sua indústria de petróleo e gás - "sendo

hoje um dos países mais ricos e mais sustentáveis do mundo” - nomeadamente o seguinte:

- Atrair o investimento externo com base em consórcios internacionais, mas nunca esquecendo de associar cláusulas específicas para a participação das empresas portuguesas e Centros de Investigação e Universidades nacionais, garantindo o estabelecimento de contratos benéficos para as economias, instituições e cidadãos locais, e preservando o interesse da exploração de recursos no longo prazo, face ao valor futuro de determinados minerais.
- Incluir nas considerações contratuais os 3 eixos centrais que assegurem a sustentabilidade económica, a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social das operações.
- Definir o conteúdo local destes projetos para termos uma plataforma que permita a criação de valor em Portugal.
- Assegurar a endogeneização da tecnologia e do conhecimento para permitir criar no país novos clusters industriais com as competências nacionais associadas.

Neste contexto, António Costa Silva alerta para “a necessidade de lançarmos, em particular nos Açores, as bases de uma grande Universidade do Atlântico, em ligação com as outras Universidades portuguesas e Centros de Investigação, transformando os Açores numa plataforma tecnológica para o estudo do clima, do oceano, da terra e da meteorologia”.

Para o consultor, os Açores são uma das melhores localizações do mundo para este tipo de estudos e é fulcral ter um modelo integrado que contemple todas as vertentes: o oceano, o clima, a atmosfera, a previsão meteorológica, o mapeamento de recursos nacionais, a criação de clusters para o aproveitamento e desenvolvimento sustentável desses recursos.

Fonte: **EXPRESSO**



OPINIÃO

EDITORIAL A distância que marca a política

Anteontem foi altura para perscrutar o futuro, pelo menos no que à política respeita.

Há dias assim, que nos falamos mais do futuro do que do reflexo daquela precisa data, como quarta-feira, em que um país se debatia perante a pandemia que, insidiosa, teimava em não nos libertar para o sol. Os portugueses, sem saber se têm férias ou se têm emprego, podem estar perdidos nestes dias incertos, mas anteontem foi altura para

perscrutarem o futuro, pelo menos no que à política respeita, porque há muita gente a olhar lá para a frente.

Quarta-feira foi o último dia das conferências que, há mais de três meses, reuniam o poder científico e o poder político no Infarmed por causa da covid-19. É o sinal de que entramos numa fase de gestão corrente da pandemia e, sem declarações à nação para fazer, o Presidente da República descola-se naturalmente da posição pouco confortável de surgir sempre a par do primeiro-ministro. Não falta assim tanto para as eleições presidenciais, até lá as condições económicas deverão agitar o ambiente político, e um candidato que quer ser o mais abrangente possível precisa de cultivar alguma distância social de António Costa. Não muita, mas alguma.

Se o destino não se joga ao centro, parece. O fim das reuniões passou, Centeno passará, Assis passará. O entendimento entre Rui Rio e António Costa, de que são prova as nomeações que quarta-feira se apresentaram ao escrutínio parlamentar, não parece ser coisa de circunstância. O social-democrata continua com o comportamento de um maratonista e o segundo, com a mesma habilidade política e leitura da realidade com que fez um primeiro mandato ancorado à esquerda, bem pode, com umas eleições presidenciais pelo meio em que provavelmente não terá candidato, fazer um segundo mandato mais inclinado para a direita. Ao centro, ambos cultivarão alguma distância social, claro, mas só a que for politicamente conveniente.

A quarta não fecharia sem mais dois momentos de futuro. Carlos César, em entrevista ao PÚBLICO e à RR, veio avisar que os candidatos à sucessão de Costa “vão ter de esperar um bocado” e Pedro Nuno Santos ouviu-o e olhou o caminho em frente. Numa outra entrevista, à RTP, veio declarar que, se Costa se inclina à direita, ele fica à esquerda. Se nas eleições presidenciais o PS não apresentar um candidato, o ministro socialista não terá problemas em votar no candidato do Bloco ou do PCP. Para o possível candidato à sucessão de Costa fica o desassombro e a prova de coerência com que congrega a sua base de apoio, que terá sempre alguma dificuldade para digerir o candidato Marcelo. Sim, também é tempo para Pedro Nuno Santos marcar a sua distância, a política, que é razoável.

David Pontes, Diretor adjunto do Público

Fonte: **PÚBLICO**

A saída forçada de Mexia e a *governance* do nosso descontentamento

Na última década, vimos desmoronar-se o BES e a PT. Agora, a principal empresa do índice PSI 20 está envolta num escândalo de corrupção. Onde andam os órgãos de supervisão e controlo das grandes empresas portuguesas?

A semana começou com a notícia de que António Mexia e João Manso Neto eram suspensos das funções executivas por decisão judicial. A saída forçada dos dois executivos da EDP e EDP Renováveis abriu um vazio de poder que levou a uma desvalorização imediata das ações da EDP na Euronext Lisboa. A Comissão do Mercado de Valores Mobiliários suspendeu a negociação das ações da EDP pouco depois do anúncio da decisão. Podia ser um detalhe, só que não é. São duas das escassas dezoito empresas que integram o índice bolsista PSI 20, e a primeira e terceira empresas com maior peso no cálculo do índice (12,71% para a EDP, 11,07% para a EDP Renováveis). Não vou aqui discutir a decisão do juiz, porque não sou competente para isso, nem me parece o mais importante. Lembro apenas que os dois executivos foram constituídos arguidos, em 2017, pelo crime de corrupção para ato ilícito. Em causa está uma suspeita de corrupção de Manuel Pinho, então ministro da Economia, em troca de decisões do Governo que, na prática, fizeram com que os contribuintes ficassem a pagar as perdas que a EDP teve com a liberalização do mercado grossista, decidido pela Comissão Europeia em 2003. Deve ser um caso inédito de uma empresa que é compensada pela abertura de um mercado à concorrência. Normalmente, o que se pretende é mesmo que os consumidores ganhem e isso normalmente não traz boas notícias para as empresas que estão no mercado antes da liberalização. Mas adiante. António Mexia é ainda suspeito de corrupção ativa envolvendo um elemento do gabinete ministerial de Pinho, bem como o ex-diretor-geral da Energia e Geologia, e ainda o pai do ex-secretário de Estado da Energia. Para além destas acusações de corrupção, Mexia é suspeito do crime de participação económica em negócio, devido a pagamentos suspeitos ao Grupo Lena e à Odebrecht pela construção da Barragem do Baixo Sabor.

Segundo o CEO Success study da publicação Strategy+Business, uma iniciativa da PwC, as saídas de CEOs por razões éticas têm aumentado nos últimos anos. Desde o ano 2000 que a PwC analisa as saídas de CEOs das 2500 maiores empresas cotadas a nível mundial. Esta análise mostra que os CEOs ficam cada vez menos tempo no mesmo lugar: a média era de oito anos em 2000 e de apenas cinco anos na última década. Em 2018, 17,5% dos detentores do cargo de topo nas empresas saíram, a larga maioria por vontade própria. Mas o mais interessante é que 2018 foi o primeiro ano, desde que a PwC começou a recolher esta informação, em que a razão mais comum para as saídas de CEOs contra a própria vontade foi a sua conduta ética. Estas representaram 39% das saídas forçadas, enquanto o mau desempenho da empresa esteve na origem de 35%; as restantes foram causadas por problemas internos ao funcionamento dos conselhos de administração. As razões que o estudo classifica como problemas éticos são a fraude, a corrupção, a utilização de informação privilegiada em proveito próprio (inside trading), as catástrofes ambientais, a falsificação de currícula e o assédio sexual. Esta tendência não significa, necessariamente, que os executivos se estão a tornar menos recomendáveis. O que é certo, segundo a Strategy+Business, é que o nível de exigência aumentou, e bem. O público tornou-se mais crítico e desconfiado, menos complacente com a falta de idoneidade na gestão das empresas. A governança e a regulação, na maior parte dos países, tornou-se mais proactiva e punitiva. O crescimento das comunicações digitais aumenta o risco de exposição. A circulação rápida da informação amplifica os escândalos e cria pressão pública. Em suma: as instituições regulatórias e judiciais estão mais intransigentes e há uma maior exigência interna e externa no que respeita aos atos ilícitos e aos comportamentos sexuais ou raciais inapropriados. Sim, é mesmo isso. Mesmo se o #MeToo não aconteceu em Portugal, nos outros países fez o seu caminho também no meio protegido e aparentemente intocável dos executivos de topo. Em 2018, houve cinco CEOs da prestigiada lista de empresas S&P 500 que saíram por razões ligadas ao movimento #MeToo, contrastando com uma única saída por razões de assédio sexual entre 2012 e 2017.

Como aqui escrevi em outubro, apenas 20 dos 422 cargos em boards de empresas cotadas são ocupados por pessoas que não acumulam. É um caldo de conflitos de

interesse e, mais prosaicamente, de gente que anda demasiado ocupada para fazer o seu trabalho. Talvez valha a pena começar por aí

O Luís Aguiar-Conraria tem uma frase da qual me lembro muitas vezes: “O que é bom para a economia nem sempre é bom para os negócios.” O escrutínio acrescido aos comportamentos ilícitos nas empresas é um excelente exemplo disto. A economia fica melhor, com empresas que criam valor para os consumidores e trabalhadores, em vez de serem máquinas de alimentar as contas chorudas de quem as gere ou dos amigos. Os negócios destes é que saem prejudicados. Mas não tem de ser assim. O escrutínio só é má notícia para as empresas que têm uma estrutura de fiscalização e controlo que não as protege dos comportamentos das pessoas que usam o poder em proveito próprio. É importante que as empresas comecem a integrar este risco do escrutínio nas suas decisões para se protegerem de desfechos como o que na segunda feira assolou a EDP.

Na última década, vimos desmoronar-se o BES e a PT. Já ninguém se lembra, mas a Ongoing, uma empresa da esfera do BES que foi usada, entre outras coisas, para aumentar a influência do banco na PT, tinha um proprietário, Rafael Mora, que foi apresentado numa entrevista como detentor de “uma enorme influência em muitos dos grandes negócios que nos últimos anos se fizeram em Portugal”. Essa influência custou-nos buracos de 440 milhões no Novo Banco e 230 milhões no BCP. Agora, a principal empresa do índice PSI 20 está envolta num escândalo de corrupção. Mas onde andam os órgãos de supervisão e controlo das grandes empresas portuguesas? Como aqui escrevi em outubro, apenas 20 dos 422 cargos em boards de empresas cotadas são ocupados por pessoas que não acumulam. É um caldo de conflitos de interesse e, mais prosaicamente, de gente que anda demasiado ocupada para fazer o seu trabalho. Talvez valha a pena começar por aí.

Susana Peralta, Professora de Economia na Nova SBE

Fonte: **Público**



Aforismos da pandemia - DANIEL INNERARITY

Se houve algum efeito positivo da pandemia, é estar a dar-nos tempo e alimento para o pensamento. O que se segue são pensamentos que também emergiram das discussões que foram geradas neste tempo estranho.

1. Numa crise, o melhor e o pior do ser humano são revelados, diz o comum, mas o que sai mais é o regular.
2. A única coisa que podemos ter certeza é que, a partir das crises, saímos com mais tópicos.
3. Em torno de uma pandemia, como em qualquer crise, há um coro dos que sabiam quando ninguém sabia e agora sabem quando ainda não sabemos.
4. Se acusamos os decisores políticos no meio de uma grave crise de não agirem corretamente quando eles têm as informações necessárias, por mais que modesta que seja a retórica que usamos, estamos a assumir uma posição de arrogância implícita: acusamos a suposição de que sabemos que eles sabiam e não queriam. Tal acusação revela que não entendemos que agir sobre problemas complexos traz sempre consigo

conhecimento insuficiente e informações incompletas. O nosso esforço deve-se concentrar em tornar a exigência de responsabilidade compatível com o reconhecimento de que representantes e representados sempre agem com conhecimento insuficiente.

5. Quando o confinamento nos obriga a suspender todas as atividades “desnecessárias”, as verdadeiras características das relações sociais são reveladas: encontros fortuitos, trocas inesperadas, exposição ao imprevisto. Forçados a concentrarmo-nos no essencial, notamos que o que é característico do espaço público é surpresa.

6. Pode parecer estranho e até irracional preocuparmo-nos com a possibilidade de desastres altamente improváveis, mas tudo o que aconteceu sempre foi feito pela primeira vez. E há certas catástrofes pelas quais não podemos pagar uma vez.

7. Nós precisaríamos de ter mais garantias do que atualmente temos para ter tanta certeza desse futuro catastrófico que alguns, mais do que como um aviso sobre o possível, certificam como algo inexorável. Esse desastre é uma possibilidade significa que não é uma necessidade. E certamente não é uma boa ideia não querer ter filhos para que eles vivam nessas condições, porque se nos mostramos incapazes de parar as crises, talvez a nossa obrigação seja permitir que outros tentem. Não temos o direito de assumir que as gerações futuras serão tão estúpidas quanto nós.

8. Depois da crise, aprender ou não aprender, eis a questão. As crises não nos dão lições para as quais só podemo-nos colocar de joelhos. As crises ensinam uma lição a ser interpretada através da mobilização cognitiva e da discussão democrática.

9. É impossível saber o que vamos aprender após uma crise; se já sabemos, não precisamos aprender e, se vamos aprender, não sabemos agora. Quem aprende menos é quem dá lições. Desejar estar certo é sempre incompatível com a aprendizagem.

10. O lugar que a história ocupava como *magistra vitae* agora parece corresponder à pandemia. Mas, a primeira lição a ser aprendida após uma catástrofe é distinguir entre o que deve ser aprendido e o que deve ser suportado, entre as disfuncionalidades que são devidas aos nossos erros e as que são devidas ao simples fato de a natureza não sentir especialmente obrigada a nos respeitar.

11. A pandemia obriga-nos a rever muitas coisas, mas é significativo que a velha imagem expiatória que opõe a ordem cívica contra a desordem comercial prevaleça. O que em

Marselha em 1720 foi hedonismo e luxo, hoje é globalização capitalista e consumismo; o papel do Deus punitivo e vingador agora é adquirido por uma Terra que se vinga dos nossos excessos; em ambos os casos, a inocência de povos autossuficientes defende-se dos perigos da hibridização externa. Portanto, não faltam aqueles que veem o confinamento como um tempo de penitência, do qual conversões profundas devem ser seguidas. Não pode haver catástrofes sem pecado para explicá-las? Não podemos pensar em tudo isso fora de uma estrutura pseudo-religiosa?

12. Quando um grupo de pessoas é elogiado como herói, é certamente um presságio que eles serão tratados mais tarde como mártires. Bastava que lhes dessemos o que eles merecem (reconhecimento e meios) agora e depois.

Daniel Innerarity, Professor de Filosofia Política na UPV

Fonte: **LA VANGUARDIA**



O fim da paz podre ideológica da globalização

A acalmia ideológica instalada desde os anos 1990 – na realidade, mais uma paz podre ideológica, pelas razões apontadas –, a qual parecia trazer consigo harmonia social, progresso e de bem-estar económico, está a desintegrar-se.

1. Um dos grandes entraves à compreensão do mundo de hoje é que este é demasiadas vezes visto e interpretado por lentes que nos parecem boas, mas, de facto, distorcem-no. Em 1989 o final da Guerra Fria — que abriu caminho à globalização, tal como a conhecemos hoje —, foi amplamente visto como o término da profunda disputa ideológica que marcou o século XX, entre o socialismo-comunista soviético e as democracias-capitalistas liberais ocidentais. Estas últimas, sob liderança dos EUA, teriam triunfado em toda a linha, tornando obsoleta a luta ideológica e relegando, para os confins do passado, a tradicional divisão entre esquerda e direita. Um pensamento ideológico-político único tinha-se instalado: era capitalista-liberal (e/ou neo-liberal), no campo da economia; e era democrático-liberal (e pluralista) no campo da política. Hoje são muito evidentes as distorções provocadas por tal visão simplista.

É agora demasiado óbvio que o caso da China foi subestimado, em particular a capacidade de prossecução de um controlo efectivo (e autoritário) do Partido Comunista Chinês sobre o Estado, a sociedade e a economia, apesar de uma certa abertura ao mercado. Não foi também percebida a força de ideologias não ocidentais, desde logo do islamismo radical, que é simultaneamente religioso-político e recusa a separação, vista como um artifício abominável dos cristãos/ocidentais, entre a esfera da política e a esfera da religião. Mas, mesmo dentro do Ocidente, foi mal percebida a vitória na Guerra Fria, quase sempre só atribuída ao capitalismo-liberal e à democracia-liberal. Foi subestimada a importância de uma vitória paralela, ainda que sob forma difusa, daquilo que nos EUA se chama a New Left (Nova Esquerda) ou, numa designação alternativa não totalmente coincidente, a esquerda multicultural/esquerda radical.

2. As marcas intelectuais e políticas profundas deixadas pela Guerra Fria — e de toda a luta política imediatamente anterior — fizeram esquecer que existem dois grandes terrenos de discórdia ao nível ideológico, e não apenas um: a economia política e a cultura. Assim, no terreno da economia política ocorreu uma vitória (óbvia) de ideias liberais (ou neo-liberais), tendo como referências fundamentais Friedrich Hayek, Joseph Schumpeter e Milton Friedman, entre outros. Mas também ocorreu uma vitória (menos óbvia) no terreno da cultura, de ideias da Nova Esquerda (e de algumas das suas versões

radicais), tendo como referências incontornáveis Michel Foucault, Jaques Derrida e Judith Butler, entre outros.

As marcas intelectuais e políticas profundas deixadas pela Guerra Fria – e de toda a luta política imediatamente anterior – fizeram esquecer que existem dois grandes terrenos de discórdia ao nível ideológico, e não apenas um: a economia política e a cultura.

Paradoxalmente, as ideias que triunfaram na globalização, à direita e à esquerda, vieram das margens. No pós-II Guerra Mundial, o pensamento liberal (e/ou neo-liberal) era minoritário e relativamente marginal, num sistema dominado até aos anos 1970 fundamentalmente pelo keynesianismo e com significativa influência do marxismo. A partir dos anos 1980, esse ideário conquistou o terreno da economia. Sinal evidente do seu sucesso, é a actual massificação das ideias da competitividade, do empreendedorismo, da inovação, da abertura dos mercados, da superioridade da iniciativa económica privada, etc..

Também o pensamento da Nova Esquerda (e de parte da esquerda radical), uma minoria actuando igualmente a partir das margens do sistema social e político até aos anos 1960, fez o seu caminho vitorioso. Ideias, práticas sociais e valores que até aos anos 1960/1970, ou ainda mais à frente, eram vistas como radicais e marginais tornaram-se comuns e hoje surgem como tendo elevado valor moral: igualdade plena de género, direitos das minorias, liberdade sexual, estilos de vida alternativos fora do casamento e da família nuclear, etc.

3. No Ocidente, os indivíduos nascidos nas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI foram – e continuam a ser – socializadas nesse mix de ideias, práticas e valores. Na família, na escola, nos media e nas redes sociais, nas universidades, são fundamentalmente estas as ideias transmitidas, absorvendo algumas partes da sociedade mais a ideologia do pensamento económico liberal (e/ou neo-liberal) e outras partes a ideologia da Nova Esquerda (multicultural)/esquerda radical. A educação/ensino está largamente dominada por estas duas ideologias.

Mas esta forma de funcionar no Ocidente, sempre foi uma convivência frágil e só (muito) superficialmente harmoniosa. Na realidade, é algo até bastante contra natura,

pelo menos sob o ponto de vista das visões últimas do mundo que lhe estão subjacentes. À direita, a vitória sobre o socialismo-comunismo na Guerra Fria – e a falência do modelo de economia de direcção central planificada onde os Estado monopolizava a actividade económica – criou, em muitos, a ideia errada de não existir competição ideológica à altura.

Inebriada pela vitória no campo da economia política, a direita deixou o terreno cultural quase todo para a Nova Esquerda (multicultural)/esquerda radical, vendo-o, com sobrançeria, como algo menor (não dava lucro). Quanto à esquerda, claudicou, de facto, quase totalmente no campo da economia política, tornando-se o antigo ídolo (Marx), quase um espectro – na prática aceitou, ainda que a contragosto, a supremacia liberal (e/ou neo-liberal) na economia. Paradoxalmente, a derrota no terreno da economia política, associada à arrogância vitoriosa da direita, facilitou o aumento da influência da Nova Esquerda no terreno cultural durante a era da globalização.

Inebriada pela vitória no campo da economia política, a direita deixou o terreno cultural quase todo para a Nova Esquerda (multicultural)/esquerda radical, vendo-o, com sobrançeria, como algo menor (não dava lucro).

4. O que na última década temos estado a assistir no Ocidente é a um desintegrar dessa espécie de acordo tácito de repartição das esferas de influência sobre a vida humana, entre a direita e a esquerda. Até há pouco tempo, o ideário económico liberal/neo-liberal de Friedrich Hayek, Joseph Schumpeter e Milton Friedman e outros, convivia alegremente com o ideário anti-liberal e anti-capitalista de Michel Foucault, Jaques Derrida e Judith Butler e outras figuras intelectuais ícones da New Left.

No cerne dessa desintegração está a globalização e as transformações que provocou, as quais fizeram rebentar a paz podre ideológica instalada desde o final da Guerra Fria. Na sua faceta económica e comercial a globalização foi fundamentalmente impulsionada pela direita liberal (e/ou neoliberal). As suas ideias de competitividade, mercados globalmente abertos, supremacia quase absoluta da economia privada etc., levaram a crescentes desigualdades sociais entre aqueles que se adaptaram bem, tirando vantagens das oportunidades ligadas aos mercados globais e à lógica económica privada, e aqueles que sofreram sobretudo os seus impactos negativos.

Embora sem lhe chamar globalização — e oficialmente ser uma crítica cáustica desta —, na sua faceta de fluxos globais de pessoas, desde migrantes económicos a refugiados, a globalização foi também muito estimulada e impulsionada pela Nova Esquerda/multicultural. (Isto, claro, a par do interesse material-empresarial lucrativo, de dispor de uma mão-de-obra abundante e barata). Quanto à esquerda, viu aí um novo terreno para pôr em prática o seu programa de defesa de grupos minoritários e de causas humanitárias. E viu também aí um interessante ganho político, pois os fluxos migratórios poderiam aumentar-lhe a clientela política, o que dava muito jeito numa altura em que o proletariado — no sentido marxista do conceito — cada vez mais escasseava no Ocidente.

5. Como resultado, a acalmia ideológica instalada desde os anos 1990 — na realidade, mais uma paz podre ideológica, pelas razões apontadas —, a qual parecia trazer consigo harmonia social, progresso e de bem-estar económico, está a desintegrar-se. É talvez um resultado inesperado para muitos. Todavia, olhando com mais atenção, não é um resultado muito surpreendente. Como notado, quer as políticas económicas e comerciais impulsionadoras da globalização (ao gosto do ideário liberal e/ou neo-liberal da direita); quer as políticas também impulsionadoras da globalização, mas de abertura aos fluxos migratórios globais (agora ao gosto da Nova Esquerda/esquerda multicultural), para além dos seus méritos, trouxeram inúmeras tensões sociais e políticas que hoje estamos a sentir em pleno.

O resultado foi fazerem explodir as contradições do mix de ideias que triunfou após a Guerra-Fria. A direita, agora especialmente numa versão de direita radical e/ou populista, contesta, entre outras coisas, a esfera de influência (hegemonia) da esquerda no terreno cultural e dos valores, abrindo uma nova frente política — a guerra cultural. Fá-lo de uma forma agressiva que a direita convencional-tradicional, concentrada na economia e imbuída de ideias liberais / neo-liberais, nunca fez, seja por concessão (in)voluntária ou por incapacidade de entrar nesse terreno.

Quanto à esquerda, para além de se sentir ameaçada na sua esfera de influência natural — e de retaliar usando a sua primazia no terreno mediático e intelectual —, volta agora a dar sinais de querer entrar no campo da economia-política que tinha abandonado

desde o final da Guerra-Fria. Vê nos efeitos desastrosos da pandemia da covid-19 sobre a economia (privada) e no regresso do Estado-interventor, uma oportunidade para afastar o liberalismo económico e reciclar as antigas ideias de uma economia sob controlo público. É este o confronto político-ideológico que está em marcha e vai marcar uma globalização em retrocesso a que já estamos a assistir.

José Pedro Teixeira Fernandes, Investigador do IPRI-NOVA - Universidade NOVA de Lisboa

Fonte: **PÚBLICO**

O que falta para desbloquear o pacote de apoio da União Europeia

Os estados membros estão a tentar chegar a um acordo para injetar até 750 mil milhões de euros nas economias afetadas pela Covid-19. Mas ainda há muitos obstáculos a ultrapassar.

Os líderes da União Europeia têm encontro marcado na próxima semana para discutir a injeção de centenas de milhares de milhões de euros nas economias afetadas pela pandemia de Covid-19.

A chanceler alemã Angela Merkel apelou a um acordo rápido, mas ainda há muitos obstáculos no caminho de um entendimento para juntar um fundo de recuperação de 750 mil milhões de euros ao orçamento de 2021-2027.

O primeiro-ministro holandês Mark Rutte é um dos protagonistas da discórdia, representando a resistência dos países ricos e poupados do Norte em dar mais dinheiro aos países do Sul, cujas economias endividadas foram mais duramente atingidas pela Covid-19.

Estas são os principais obstáculos que falta ultrapassar para desbloquear o dinheiro e sarar divisões.

1. VALOR

Os estados mais frugais, incluindo a Holanda, Áustria, Dinamarca e Suécia, querem um orçamento menor do que o que tem sido anunciado para 2021-2027.

Os beneficiários dos programas de desenvolvimento e subsídios agrícolas da União Europeia – incluindo a Polónia e outros estados pobres de leste, mas também França, Itália, Espanha e Portugal – querem manter os subsídios que têm recebido.

Os primeiros consideram que os 750 mil milhões que a Comissão Europeia iria buscar aos mercados é demasiado, enquanto os segundos consideram que é pouco.

2. REDUÇÕES

A Alemanha, Áustria, Holanda e Suécia querem manter as reduções nas suas contribuições para os cofres da União Europeia. Outros querem pôr fim a essas reduções.

3. SUBSÍDIOS E EMPRÉSTIMOS

Os países do Sul querem subsídios gratuitos, mas os holandeses querem que o dinheiro venha na forma de empréstimos que tenham de ser reembolsados e dizem que a aquisição de crédito conjunto por parte da União Europeia para financiar o fundo de recuperação é inaceitável.

A Comissão propôs que meio bilião dos 750 mil milhões de euros fosse disponibilizado através de subsídios e o resto em empréstimos. Essa proporção é negociável.

4. ELEGIBILIDADE

Os países de leste, incluindo a Lituânia e a Bulgária, são contra a proposta da Comissão de canalizar a maior parte do fundo para países do Sul, como Espanha, Itália e Portugal por causa dos altos índices de desemprego antes da pandemia.

O secretário-geral dos líderes da União Europeia, Charles Michel, prepara-se para apresentar um modelo de consenso esta sexta-feira. Ele sugere que os critérios devam incluir as mais recentes previsões acerca da dimensão da crise financeira em cada estado membro.

5. CONDIÇÕES

Os países ricos do Norte dizem que devem ser exigidas reformas económicas para o acesso aos fundos. Mas o Sul rejeita essa ideia, pedindo antes mais solidariedade.

A maioria dos países da EU querem colocar limites a qualquer violação dos princípios básicos da democracia, um aviso a estados como a Polónia e a Hungria, cujos governos nacionalistas são acusados de minar o Estado de direito.

As formas de dividir o bolo, e de garantir que uma porção seja aplicada no avanço da digitalização e combate às alterações climáticas, são outros elementos que requerem ainda um acordo por parte dos 27 líderes da UE.

6. PAGAMENTO DAS DÍVIDAS

Michel sugeriu que o pagamento da dívida da Comissão comece a ser feito a partir já do orçamento de 2021-2027, mais cedo do que tinha sido proposto até agora e em linha com os apelos de Berlim e outros.

A forma do pagamento continua por resolver, havendo sugestões para aplicar taxas europeias para as emissões de dióxido de carbono ou de plásticos não-reutilizáveis. Estas têm enfrentado alguma oposição, mas ainda assim continuam a ser menos polémicos que a introdução de impostos financeiros ou digitais.

7. PRAZOS

Existe ainda desacordo entre norte e sul sobre quando é que o dinheiro deve começar a ser distribuído e até quando.

Fonte: **RÁDIO RENASCENÇA**

